

O Mapa do Ensino do Jornalismo Ambiental em Diferentes Caminhos de Pesquisa¹

Augusta GERN²
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Este artigo busca apresentar o mapeamento dos trabalhos desenvolvidos sobre a temática “ensino do jornalismo ambiental” e suas interfaces nos últimos 15 anos, no Brasil, com o objetivo de identificar suas principais abordagens teóricas e metodológicas, bem como traçar novos caminhos para a pesquisa de mestrado em andamento. A análise, realizada a partir de dez combinações de palavras-chave em dez bancos de busca, identifica novas potencialidades de estudo na área, bem como observa a importância e necessidade de pesquisas denominadas “estado da arte”.

Palavras-chave: jornalismo ambiental; ensino; meio ambiente; estado da arte.

Introdução

Como em qualquer caminhada, conhecer o terreno onde se pisa em uma pesquisa é o primeiro passo. Com um mapa, bússola ou mesmo “dicas”, é possível desbravar novos caminhos com segurança e originalidade. É dessa forma que podemos definir as pesquisas chamadas de “estado da arte”: conhecer o campo de estudo. Identificar como o objeto de estudo já foi tratado, quais os ângulos abordados e, principalmente, as lacunas que ainda precisam ser preenchidas tornam-se passos fundamentais para o desenvolvimento de uma pesquisa ancorada em sólidas teorias e com traços originais.

Dessa forma, este trabalho apresenta um mapeamento de artigos, dissertações e teses brasileiras que unem as temáticas ensino, jornalismo e meio ambiente. O objetivo é identificar como os três temas são apresentados de forma integrada, as abordagens teóricas e metodológicas, bem como traçar novos caminhos para a pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná sobre o ensino do jornalismo ambiental no sul do país.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Jornalista. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e bolsista da Capes pela instituição. Contato: augustagern@gmail.com

Como destacado por Santaella (2001, p. 168), nenhuma pesquisa parte da estaca zero. Mesmo que tenha surgido de inquietações pessoais de cada pesquisador, “(...) alguém em algum lugar já deve ter tido uma preocupação semelhante. Por isso, a procura cuidadosa e paciente, por vezes até mesmo obstinada, de fontes documentais ou bibliográficas é imprescindível” (idem). Estes primeiros passos da pesquisa, também chamados de “estado da questão” (SANTAELLA, 2001) ou “pesquisa da pesquisa” (BONIN, 2011), são definidos por Ferreira (2002, p. 257) como de caráter bibliográfico, caracterizadas pelo

desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

De acordo com Bonin (2011, p. 34), este acervo muitas vezes sintetiza “avanços teóricos e metodológicos importantes para o campo”. Assim, mais do que um levantamento, esta etapa visa que “novas investigações contemplem e considerem esses desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar com e a partir deles” (idem).

Para que esta contribuição seja efetiva, Santaella (2001, p. 169) destaca que é necessário passar revista em todos os trabalhos disponíveis sobre o tema, mas sem perder o foco central que é responder a questão principal da pesquisa. Assim, o presente mapeamento trabalha com base na seguinte pergunta: De que forma o ensino do jornalismo ambiental na graduação dos cursos na área pode colaborar para a formação de profissionais mais sensíveis e conscientes à temática?

A partir da combinação de palavras que se destacam na pergunta e no projeto da pesquisa em andamento, metodologicamente, em um primeiro momento, foram criadas dez combinações de palavras-chave para a coleta em dez bancos de busca. Na segunda etapa, com o resultado da coleta em mãos, trabalhou-se sob a visão de Santaella (2001) de se manter um olhar crítico ao material e, a partir de filtros, foram desconstruídos os trabalhos relacionados ao tema central da pesquisa: ensino do jornalismo ambiental. A prática da desconstrução visa refazer o percurso de construção metodológica dos trabalhos, dialogando com os questionamentos da pesquisa em andamento. Em suma, a análise identifica as principais ocorrências teóricas e metodológicas acerca dos três temas estudados e identifica novas potencialidades e caminhos para pesquisas na área.

O foco da pesquisa em questão

Como Cássio Viana Hissa (2003) aponta, não é possível afastar nosso sujeito-mundo do sujeito-pesquisador. Vivências, repertórios e inquietações individuais andam ao lado das teorias e abordagens metodológicas escolhidas, e é isso que faz o intelecto percorrer diferentes livros, o corpo ir a campo, as mãos dançarem sobre as teclas do teclado e os olhos brilharem. Esta ideia está associada ao termo “artesão intelectual” de Mills (1992), destacado por Bonin (2011, p. 29), onde o pesquisador não separa sua vida do trabalho e inclui em sua prática de pesquisa “estudo, reflexão, explorações, manutenção de um arquivo, vivência de ambiências de pesquisa e de reflexão” (idem). Esta talvez seja a grande chave pela escolha do tema geral da pesquisa de mestrado em andamento: jornalismo e meio ambiente, ou melhor, o jornalismo ambiental como área específica da Comunicação.

Como já observado em diferentes pesquisas, desde o início do século passado – Sousa (2008) relembra as explicações de McCombs (1977) e as antigas análises de Walter Lippman (1922) - é inegável a participação da mídia na vida das pessoas, visto que as informações noticiadas ajudam a formar a opinião pública e, muitas vezes, tornam-se pautas das relações pessoais ou, pelo menos, inserem-se no repertório individual.

Dessa forma, aliado às questões ambientais, o jornalismo pode proporcionar um conhecimento muito mais rico e significativo sobre a importância do meio em que vivemos e, não se trata aqui de ativismo ou militância, mas de veiculação de informação de qualidade. Pesquisas e estudos já confirmam como a comunicação tem colaborado para o aumento da conscientização ambiental e, ao mesmo tempo, como a falta de informação ambiental torna-se preocupação, sendo incluída entre os três principais problemas ambientais brasileiros (BERNA, 2008, p. 96).

Mais do que a produção de material jornalístico sobre o tema, a pesquisa em andamento muda a direção do olhar e volta-se para a formação dos profissionais em comunicação, mais especificamente dos jornalistas. A partir disso, esboça-se a questão principal da pesquisa a fim de identificar de que forma o tema está presente nos currículos dos cursos universitários de jornalismo; identificar como os estudantes entram em contato e se familiarizam e se sensibilizam com tema; e analisar quais são as principais diferenças em relação às referências sobre o tema dos alunos que cursaram disciplinas específicas sobre a temática e aqueles que não cursaram.

A pesquisa trabalha com a hipótese que enfatiza a importância da oferta de disciplinas sobre a temática, compreendendo-as como a principal forma como a maioria dos acadêmicos de jornalismo tem acesso à questão ambiental pelo viés da comunicação, de uma maneira diferenciada daquelas abordagens muitas vezes realizadas pela grande mídia: geralmente ocupando espaços periféricos e com abordagens exóticas (BERTONI, 2006); outras vezes, apenas dedicando-se à catástrofes ambientais de forma sensacionalista/descontextualizada ou à coberturas insípidas e fragmentadas de eventos; e “dando preferência pelo tom alarmista, pouca divulgação dos dados científicos concretos e altas doses de oportunismo quando a cobertura toca em ações para combater o problema” (GIRARDI; SCHWAAB, 2008, p. 16). O trabalho também se ancora à ideia de que jornalistas mais familiarizados/sensibilizados à temática ambiental podem colaborar para a prática do jornalismo ambiental mais sistêmico, a partir de um olhar multi e interdisciplinar dos fatos, dando voz aos diferentes sujeitos envolvidos em suas problemáticas.

Para trazer evidências empíricas aos objetivos propostos, a pesquisa se debruça sobre a região Sul do país, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Em busca de resultados significativos e que não privilegiem apenas uma etapa fragmentada do amplo processo de ensino/aprendizagem, opta-se por abranger questões institucionais e acadêmicas, bem como o envolvimento do corpo docente e discente, itens que serão analisados em diferentes abordagens metodológicas. Assim, o referencial teórico da pesquisa, em sua totalidade, irá dialogar com questões curriculares, com o trabalho dos professores que ministram disciplinas relacionadas ao tema e com a percepção dos alunos sobre jornalismo ambiental.

O tema em um ângulo maior

A partir desse roteiro, a pesquisa denominada “estado da arte”, contemplada no recorte deste artigo, contou com diferentes passos. A primeira etapa foi a definição das palavras-chave para a busca, combinando diferentes termos identificados na pesquisa em andamento: 1. Ensino do jornalismo ambiental; 2. Jornalismo ambiental; 3. Jornalismo e meio ambiente; 4. Ensino do jornalismo; 5. Ensino superior e jornalismo; 6. Ensino superior e comunicação; 7. Ensino superior e meio ambiente; 8. Ensino superior e consciência; 9. Comunicação ambiental; 10. Educação ambiental. Apesar de nem todos os termos terem

ligação direta com o tema central, optou-se pela sua busca na hipótese de que trabalhos em outras áreas, como a Educação, pudessem dialogar com a questão central da pesquisa.

Junto à definição das palavras, foram definidos os dez bancos de busca. A escolha dos bancos deu-se pela maior concentração de trabalhos em âmbito nacional - 1. *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)*³; 2. *Banco de teses e dissertações da Capes*⁴; 3. *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*⁵; 4. *Google acadêmico*⁶; 5. *Portal de periódicos da Capes*⁷ – nos anais de eventos nacionais da área – 6. *GT de Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do Intercom Nacional*⁸; 7. *Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental*⁹ – e nas bibliotecas digitais de três universidades federais do Sul do País – 8. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*¹⁰; 9. *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*¹¹; 10. *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*¹².

A escolha das três universidades ocorreu, principalmente, pelo destaque da UFRGS na produção de trabalhos e grupos de pesquisa na área e, como a pesquisa tem foco no sul do país, incluiu-se as instituições federais dos outros dois estados para se obter uma visão mais abrangente da área pesquisada. Nas bibliotecas das universidades, foram consideradas apenas teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação da área da comunicação. Já nos sites de busca nacional, trabalhos de todas as áreas foram levados em conta. A opção por ampliar a busca em outras áreas visa contemplar todos os eixos do trabalho: comunicação, ensino e meio ambiente. Apesar da delimitação dos temas e espaços de busca, inicialmente a pesquisa não exigiu um recorte temporal, porém, ao final da coleta, foram encontrados trabalhos do ano 2000 a 2015.

Ao final dessa primeira etapa de pesquisa, ainda ampla, foram identificados 154.559 trabalhos no total, entre teses, dissertações e artigos. Apesar de o número ser alto, destacou-se que alguns trabalhos foram encontrados em mais de um banco de busca.

³ Endereço eletrônico: <http://bdt.d.ibict.br/>. Acesso em novembro de 2015.

⁴ Endereço eletrônico: <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em novembro de 2015.

⁵ Endereço eletrônico: <http://search.scielo.org/>. Acesso em dezembro de 2015.

⁶ Endereço eletrônico: <https://scholar.google.com.br/> Acesso em dezembro de 2015.

⁷ Endereço eletrônico: <http://www.periodicos.capes.gov.br/> Acesso em dezembro de 2015.

⁸ Endereço eletrônico: <http://www.portalintercom.org.br/eventos/congresso-nacional/apresentacao5> Acesso em dezembro de 2015. A busca foi realizada nas últimas cinco edições do evento, de 2011 a 2015.

⁹ Endereço eletrônico: <http://enpja.com.br/> Acesso em dezembro de 2015. A busca foi realizada apenas na segunda e terceira edição do Evento, realizadas em 2013 e 2015, respectivamente. Não foram encontrados os anais do primeiro evento.

¹⁰ Endereço eletrônico: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1>. Acesso em dezembro de 2015.

¹¹ Endereço eletrônico: <https://repositorio.ufsc.br/>. Acesso em dezembro de 2015.

¹² Endereço eletrônico: <http://www.sacod.ufpr.br/portal/comunicacaomestrado/dissertacoes-2/>. Acesso em dezembro de 2015.

Palavras-chave	Total encontrado
Ensino do jornalismo ambiental	58
Jornalismo ambiental	1.151
Jornalismo e meio ambiente	215
Ensino do jornalismo	932
Ensino superior e jornalismo	3
Ensino superior e comunicação	271
Ensino superior e meio ambiente	212
Ensino superior e consciência	174
Comunicação ambiental	1.445
Educação ambiental	150.098
Total	154.559

Tabela 1: Total encontrado por palavra-chave
Fonte: Autora (2015)

Banco de busca	Total encontrado
BDTD	1.543
Banco de Teses Capes	808
Scielo	557
Google acadêmico	148.973
Periódicos Capes	1.394
GT Meio Ambiente – Intercom	199
ENPJA	51
UFRGS	970
UFSC	62
UFPR	2
Total	154.559

Tabela 2: Total encontrado por banco de busca
Fonte: Autora (2015)

Em relação às palavras-chave, destaca-se o número encontrado sobre educação ambiental, que abrange, principalmente, trabalhos da área de educação infantil, educação à distância, meio ambiente, geografia e saúde. Já nos bancos de busca, destaca-se pelo número o *google acadêmico* por abranger o maior número de trabalhos de outros bancos e, algumas vezes, referenciar mais de uma vez o mesmo trabalho.

Esta busca, apesar de não ser definitiva, demonstra de forma simplificada o cenário em que a pesquisa está inserida. Para análise do estado da arte, os trabalhos foram reduzidos conforme orientação de Santaella (2001, p. 170): usando a técnica do zoom. É necessário “evitar que esta atividade se assemelhe a uma caminhada onde se faz um buquê com todas as flores que se encontra. A revisão é, sobretudo, um percurso crítico que deve ter em mira a pergunta que se quer responder” (SANTAELLA, 2001, p. 171).

O olhar crítico

Para contribuição efetiva à pesquisa em andamento, foram necessários novos filtros e triagens, os quais reduziram consideravelmente o corpus de análise. Mais do que a inserção das palavras-chave na busca, também foram analisados o título, o resumo, os objetivos e pontos gerais tratados. Este último item, exigiu uma análise no sumário, no caso de teses e dissertações, ou dos subtítulos e tópicos, no caso de artigos.

Nesta etapa, destacam-se os artigos que já realizaram pesquisas sobre estados da arte em pesquisa sobre jornalismo ambiental. Delevati e Fausto Neto (2011), por exemplo, analisaram aspectos que nortearam a pesquisa em relação ao tema em dez anos (2000 – 2010) no Brasil, por meio da análise de um subconjunto de duas teses e dez dissertações disponíveis em dados online. A partir dos dados coletados, os autores identificaram que a maioria dos trabalhos aborda o tema por meio da análise de seus produtos. “Somente um deles analisa como acontecem os processos de cobertura do jornalismo ambiental por meio da observação dos processos internos de produção da notícia, os outros privilegiam o conteúdo” (DELEVATI; FAUSTO NETO, 2011). Dos trabalhos analisados pelos autores, apenas um trata do ensino do jornalismo ambiental: “Jornalismo ambiental e consumo sustentável: proposta de comunicação integrada para a educação permanente”, tese de Pedro Celso Campos, detalhada em seguida.

Outra pesquisa que visa identificar as recorrências temáticas, midiáticas e metodológicas sobre jornalismo ambiental é de Aguiar (2011). A autora propõe a construção de uma meta-análise de teses e dissertações defendidas desde 1988 nos programas de pós-graduação brasileiros. No nível de doutorado foram analisados 27 trabalhos e, no nível de mestrado, 63. A autora identificou, ao longo dos anos analisados, o interesse crescente pelo tema, principalmente pelas discussões mundiais que ocorreram no período, como a Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992, por

exemplo. Também foi identificada a variedade de escolhas temáticas, com destaque para as rotinas de redação e agendamento nos últimos anos (2007 – 2009) e, do ponto de vista metodológico, a preferência pela análise de conteúdo e pela análise do discurso.

Lima et al (2015) também realizaram um mapeamento dos trabalhos sobre questões ambientais no congresso da Intercom, organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, durante dez anos (de 2003 a 2012). A pesquisa identificou que, na década analisada, também houve maior recorrência de artigos enquadrados em análises de notícias (45,3%), com foco na produção por meio de análises de discurso e de conteúdo.

Este panorama apresentado nos três artigos sobre pesquisas denominadas “estado da arte” é confirmado na presente análise. A maioria dos trabalhos sobre jornalismo ambiental trata o tema sobre o viés da produção, análise do material noticiado e, muitas vezes, através da análise do discurso, como as dissertações: “Jornalista ambiental em revista: das estratégias aos sentidos”, de Eloisa Beling Loose (2010); “Os sentidos do verde nas páginas de Zero Hora”, de Jaqueline Orgler Sordi (2012); e “Discursos sobre a revolução biotecnológica: sentido e memória em textos da globo rural” de Ângela Camana (2015); por exemplo. Essa predominância pode ser justificada, em grande parte, pela produção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que conta com um forte grupo de pesquisa específico sobre o tema.

Em relação ao ensino do jornalismo, a maioria dos trabalhos apresenta o tema pelo olhar dos currículos ou dos docentes, poucas vezes os alunos estão inseridos. Por exemplo: “Produção laboratorial digital nos cursos de jornalismo: um estudo das tendências e mudanças em Salvador”, de Luciana Ferreira (2012); e “Prática docente: dificuldades, possibilidade e transformações das práticas no ensino de webjornalismo”, de Douglas de Araujo Teixeira (2013).

Como a pesquisa de mestrado em construção trata da união dos temas ensino, jornalismo e meio ambiente, a pesquisa qualitativa é realizada nos trabalhos que envolvem as três temáticas juntas, de forma similar ou comparativa à proposta da dissertação. O objetivo é dialogar com os trabalhos, em um processo de estudo interessado e reflexivo, como sugere Bonin (2001, p. 35):

Neste processo, é importante a prática da desconstrução metodológica, que implica refazer reflexivamente o percurso de construção metodológica da pesquisa identificando os elementos arquitetônicos que a estruturam e explicitando as bases de sua construção.

Seguindo os requisitos citados acima, muitos são os trabalhos que podem colaborar teoricamente para a dissertação, pois tratam de temas comuns à pesquisa; porém poucos podem efetivamente dialogar com a proposta. Assim, de todo o corpus coletado, apenas quatro trabalhos foram destacados para análise, pois demonstram no filtro a união dos três eixos: ensino, jornalismo e meio ambiente. Um deles não trabalha especificamente com o ensino, mas traz a educação aliada ao jornalismo e meio ambiente, e foi considerado. Dos quatro trabalhos, dois foram identificados pelas palavras-chave “ensino do jornalismo ambiental”, um pelas palavras “jornalismo ambiental”, e um pelas palavras “ensino do jornalismo”. São eles:

- Ensino do jornalismo ambiental:

1. GONÇALO, Luciana L. B. **Formação ambiental em jornalismo: o caso da UFPB e da PUC-RJ**. Dissertação de Mestrado. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2011.
2. KOLLING, Patrícia. Jornalismo ambiental na mídia e na universidade: reflexões sobre o Brasil e Mato Grosso. **Anais eletrônicos, Intercom**, Cuiabá. 13º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, junho de 2011.

- Jornalismo ambiental:

3. CAMPOS, Pedro Celso. **Jornalismo ambiental e consumo sustentável: proposta de comunicação integrada para a educação permanente**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo-SP, 2006.

- Ensino do jornalismo:

4. LÜCKMAN, Ana Paula. **Educação, Jornalismo e Meio Ambiente: leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2007.

O primeiro trabalho, de autoria de Luciana Gonçalo (2011), é o que mais dialoga com a proposta da dissertação. A autora avalia o processo de formação ambiental dos estudantes de jornalismo a partir da incorporação do conteúdo ambiental na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na disciplina “Comunicação e Meio Ambiente” da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Como também está proposto na

pesquisa em andamento, Gonçalo avaliou como a temática ambiental se faz presente nos referidos currículos; a importância da formação ambiental nos cursos de jornalismo e a percepção do tema pelos discentes. No trabalho também são destacados os três eixos: currículo, docentes e discentes.

Apesar da grande proximidade com a pesquisa em andamento – e a colaboração para a produção de instrumentos de pesquisa, como questionários e entrevistas – algumas diferenças são encontradas e possibilitam que a dissertação ora em andamento almeje ir além. Primeiro, o trabalho analisado pouco dialoga com questões teóricas da epistemologia do meio ambiente e sobre o ensino do jornalismo, o que na dissertação se propõe fazer. Este ponto, na pesquisa em andamento, visa trabalhar também com as novas diretrizes curriculares que promoveram mudanças em boa parte das universidades. Segundo, e talvez esteja aí a maior diferença, o trabalho compara duas universidades com realidades diferentes – de regiões diferentes, uma pública e uma privada, e uma com a oferta da disciplina e outra não – sem traçar um diálogo entre elas. A pesquisa em curso também irá se deparar com realidades distintas, mas que irão compor o cenário do sul do país e um diálogo de perfis comuns. Com isso, além de realidades mais próximas, a pesquisa visa contar com um corpus maior para análise. Outra diferença está nas estratégias metodológicas: assim como a autora da UFPB, a pesquisa realizará entrevista com os docentes e aplicará questionários semiestruturados com os alunos, porém, também serão realizados grupos focais e pesquisa participante, a fim de trabalhar com dados mais qualitativos.

Sem dúvida, este trabalho, mesmo apresentado em um Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, tem grandes afinidades com a pesquisa em andamento. A similaridade nos objetivos, na metodologia e nos instrumentos de pesquisa realizados faz a pesquisa caminhar por um roteiro semelhante, mas não já estabelecido. As lacunas identificadas e objetos diferentes, com certeza desenharão novos percursos. Até porque, conforme Hissa (2013, p.99), “todas as pesquisas têm a sua especificidade [...] refletem a sensibilidade, o estilo do pesquisador e a sua concepção filosófico-política”. Toda pesquisa está presente em um contexto social e histórico específico e apresenta, mesmo que nas entrelinhas, um sujeito-mundo junto ao sujeito-pesquisador.

O segundo trabalho analisado, o artigo de Patrícia Kolling (2011), também dialoga com a proposta da atual pesquisa. A autora apresenta alguns questionamentos sobre a prática do jornalismo ambiental da mídia e como o tema está presente na universidade em Mato

Grosso, propondo reflexões para o andamento de uma futura pesquisa. Muitos dos questionamentos e reflexões traçadas no artigo podem ser encontrados nas hipóteses da pesquisa em andamento, como o fato de que a falta de capacitação na universidade é um dos fatores que se reflete em um jornalismo ambiental fragmentado e superficial.

Apesar das semelhanças, o trabalho se restringe em ideias futuras, sem análises teóricas ou empíricas, mostra-se apenas como um roteiro de pesquisa; além disso, busca analisar o Mato Grosso, diferente da pesquisa em andamento. O trabalho foi apresentado em 2011 em um evento e, nos bancos de pesquisa analisados, não foram encontrados outros trabalhos decorrentes desses questionamentos. A pesquisa de mestrado visa então contribuir no preenchimento dessa lacuna.

O terceiro trabalho, de Pedro Celso Campos (2006), tem como tema central o estudo do jornalismo ambiental através da abordagem sistêmica e interdisciplinar, com o objetivo de propor a educação ambiental integrada e permanente através do jornalismo. O autor aborda o tema a partir de diferentes olhares e instrumentos metodológicos, como análise de conteúdo sobre temas noticiados, por exemplo, para depois propor questionamentos e soluções por meio do ensino universitário.

Em relação ao ensino, o trabalho aborda especificamente os estudantes de jornalismo de duas formas diferentes. Primeiro o autor aplica formulários qualitativos a estudantes participantes do I Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, o que dialoga com a pesquisa em andamento. O objetivo dos formulários era saber o que pensam os alunos sobre a temática ambiental e como veem o jornalismo ambiental. O resultado dos 48 formulários respondidos confirma uma das hipóteses da pesquisa: “[...] foi possível constatar o interesse dos alunos pelos problemas do meio ambiente, mas foi igualmente possível observar que eles se ressentem da falta de uma formação sistêmica e do diálogo entre as disciplinas” (CAMPOS, 2006, p.21). Apesar da confirmação, é preciso salientar que apenas estudantes interessados de alguma forma à temática responderam os questionamentos, afinal estavam presentes em um Congresso específico sobre jornalismo ambiental. Diferente do trabalho, a pesquisa em andamento visa analisar a percepção de alunos com diferentes relações com o meio ambiente – que já realizaram disciplinas sobre o tema ou não.

Em um segundo momento, o autor apresenta modelos de reportagens desenvolvidas por alunos da Universidade Estadual Paulista – Unesp, com inferências de como é possível realizar um jornalismo mais sistêmico a partir da exploração de novas linguagens. Apesar de não especificar a estratégia metodológica utilizada, este ponto dialoga com uma das

propostas da pesquisa em andamento, a pesquisa participante. Ao ministrar uma disciplina específica sobre a temática, supõe-se que novas formas de se fazer o jornalismo ambiental podem ser debatidas e desenvolvidas.

Já o quarto trabalho, de Ana Paula Lückman (2007), se afasta um pouco da proposta da pesquisa. A partir das relações entre jornalismo, educação e meio ambiente, a autora investiga através de estudo de recepção os possíveis aspectos educativos do noticiário sobre a crise ambiental veiculado pelos meios de comunicação. Apesar do viés diferente, por não tratar especificamente do ensino, o trabalho analisa como as notícias são recebidas por jovens de 18 a 26 anos, estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina.

Diferente dos outros dois trabalhos, este não apresenta caminhos ou descaminhos, mas aponta possibilidades metodológicas e teóricas isoladas, como contribuições nos instrumentos e métodos de análise utilizados: questionários e grupos de discussões. Através dos questionários, por exemplo, Lückman conseguiu identificar algumas representações dos jovens em relação à crise ambiental, que podem colaborar para a análise dos acadêmicos de jornalismo, que terão a mesma faixa etária. Outra contribuição se dá nos próprios resultados obtidos, que “apontam para a relevância de se inserir aspectos da mídia-educação no processo de formação dos jovens, orientando-os na prática da leitura crítica da mídia” (LÜCKMAN, 2007, p.6), o que reforça as justificativas da dissertação, principalmente quando se trata de jovens futuros profissionais da mídia.

Os trabalhos analisados, cada um com suas especificidades, demonstram a carência de trabalhos desenvolvidos com os três eixos centrais da dissertação em andamento, afinal, com o recorte de apenas quatro trabalhos entre os mais de 154 mil encontrados, a expectativa é que muito ainda pode ser contribuído ao tema.

Considerações Finais

A partir da coleta e análise realizada, a pesquisa considerada “estado da arte” identificou os caminhos que ainda podem ser seguidos e as lacunas que podem ser preenchidas. Apesar do esforço em abranger o maior número de palavras-chave e bancos de busca, imagina-se que outros trabalhos relacionados à temática já foram realizados e não foram contemplados nesta coleta, ou por não contarem com tais palavras-chave ou por estarem em bancos de teses, dissertações ou artigos não consultados. Entretanto, com o número encontrado, 154.559 trabalhos, foi possível identificar alguns caminhos que são

predominantes nas áreas. Nos trabalhos sobre jornalismo ambiental, por exemplo, as propostas metodológicas predominam análise de conteúdo e de discurso, com foco, principalmente, na produção dos materiais noticiados sobre o tema. Já nos trabalhos sobre o ensino do jornalismo, o olhar aos currículos e docentes é dominante; poucas vezes os estudantes fazem parte do objeto de estudo.

Assim, iniciar uma pesquisa considerada “estado da arte”, ou ao menos uma amostra simplificada dela, exige atenção e coragem. Atenção para coletar tudo que pode servir como embasamento teórico-metodológico, para contrapor tudo com seus objetivos, para não fugir de sua questão-chave e para, principalmente, saber distinguir o que vale e o que não vale a pena. Coragem ao não encontrar nada parecido e, mais ainda, ao encontrar trabalhos que se assemelham em muitos aspectos. Coragem, ainda, para manter-se firme na ideia, para mudar o que for preciso e, principalmente, para não deixar o brilho dos olhos desaparecer.

Bonin (2011, p. 34) aconselha que este esforço e triagem deve ser o mais ambicioso possível na sua extensão. Mais do que isso, arriscamos que deve ser o mais ambicioso possível na sua crítica. Com os olhos de sujeito-pesquisador, devemos ter em mente o destino que desejamos – mesmo que este possa sofrer alterações – e pegar apenas aqueles traços que podem contribuir no desenho do melhor caminho. E aqui entram os traços retos, tortos e até mal feitos, traços para evitar atalhos ou estradas desnecessárias, traços que contribuem efetivamente para a busca do seu destino, ou melhor, de sua resposta.

Dessa forma, colhendo traços potenciais – após uma boa coleta e triagem, mas não definitiva – observa-se que o mapa desenhado a partir da união de pontos como meio ambiente, ensino e jornalismo, ainda pode receber novos e diferentes caminhos, e é isso que a pesquisa em andamento se propõe.

Referências

AGUIAR, Sonia. Análise dos estudos sobre jornalismo ambiental: primeiras incursões. **Anais eletrônicos, SBPJor**, Rio de Janeiro. 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, novembro de 2014. Disponível em: http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/admjor/arquivos/9encontro/CC_23.pdf Acesso em 10 de janeiro de 2016.

BERNA, Vilmar Sidnei Berna. **Desafios para a Comunicação Ambiental**. In: GIRARDI; SCHWAAB (orgs.). *Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008: pp.89, 104.

BERTONI, Claudia Regina Garcia. **Jornalismo regional e a agenda-setting: a construção da imagem da Sabesp por meio da hipótese do agendamento**. Marília: Universidade de Marília, 2006. Disponível em: <http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/e20c6e22e49fbb35beae8ed72e744d18.pdf> Acesso em 01 de março de 2012.

BONIN, Jiani adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* **Metodologias da Pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 19-42.

CAMANA, Ângela. **Discursos sobre a revolução biotecnológica: sentido e memória em textos da Globo Rural. Dissertação de Mestrado**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2015.

CAMPOS, Pedro Celso. **Jornalismo ambiental e consumo sustentável: proposta de comunicação integrada para a educação permanente**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo-SP, 2006. Disponível em: <http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Tese/PDF/PEDRO%20CELSO%20CAMPOS.pdf> Acessado em 10 de fevereiro de 2016.

DELEVATI, Amanda; FAUSTO NETO, Antônio. Jornalismo Ambiental: como as pesquisas acadêmicas abordam o tema. **Anais eletrônicos, Intercom**, Londrina. 12º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, maio de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-1056-1.pdf> Acesso em 8 de janeiro de 2016.

FERREIRA, Luciana Gomes. **Produção laboratorial digital nos cursos de jornalismo: um estudo das tendências e mudanças em Salvador**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Salvador – BA, 2011.

FERREIRA, Norma. S. de A. **As pesquisas denominadas "estado da arte"**. Educação & Sociedade, vol. 23, n. 79, 2002. p. 257-272. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em 26 de dezembro de 2015.

GIRARDI, Ilza M. T.; SCHWAAB, Reges T. **Prólogo: As razões de um conceito**. In: GIRARDI; SCHWAAB (orgs.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008: pp. 16,25.

GONÇALO, Luciana L. B. **Formação ambiental em jornalismo: o caso da UFPB e da PUC-RJ**. Dissertação de Mestrado. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2011.

HISSA, Cássio E. V. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

KOLLING, Patrícia. Jornalismo ambiental na mídia e na universidade: reflexões sobre o Brasil e Mato Grosso. **Anais eletrônicos, Intercom**, Cuiabá. 13º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, junho de 2011.

LIMA, Myrian Del Vecchio et al. Jornalismo e meio ambiente: apontamentos sobre dez anos de produção acadêmica nos eventos a Intercom. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, vol. 38, julho-dezembro/2015, p. 231-252. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=69842551012> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismo ambiental em revista: das estratégias aos sentidos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2010.

LÜCKMAN, Ana Paula. **Educação, Jornalismo e Meio Ambiente: leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2007.

SANTAELLA, Lucia. O projeto de pesquisa e seus passos. In: SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001, p. 151-189.

SILVA, Francisca J. C; CARVALHO, Maria Eulina P. **O estado da arte nas pesquisas educacionais sobre gênero e educação infantil: uma introdução**. 18º REDOR, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife-PE, 2014. Disponível em: <http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/2192-4531-1-PB.pdf> Acesso em 26 de dezembro de 2015.

SORDI, Jaqueline Orgler. **Os sentidos do verde nas páginas de Zero Hora**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. **A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica**. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-teoria-do-agendamento.pdf> Acesso em: 22 de outubro de 2011.

TEIXEIRA, Douglas de Araujo. **Prática docente: dificuldades, possibilidades e transformações das práticas no ensino de webjornalismo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação da Universidade Católica de Santos. Santos - SP, 2013.